

No Código Atlântico, a mais vasta recolha de desenhos e manuscritos de Leonardo Da Vinci, 1119 folhas que abrangem a produção intelectual do autor de 1478 a 1519, encontram-se diversas alusões às artes secretas, às ciências ocultas e mais especificamente ao uso do número de ouro. Este número irracional, também conhecido por proporção, número, relação e secção áurea, extrema razão, constante de Fídias, música das esferas e divina proporção, parece ser a medida da perfeição, da graça, da harmonia e é considerado a mais perfeita das formas. De toda a miríade de terrenos artísticos que se podem atravessar na colecção Treger/ Saint Silvestre, entre o ocupado pelos místicos, videntes, metafísicos auto-nomeados que tentaram usar a arte como uma ferramenta para aceder reinos aparentemente ocultos, recortou-se o aspecto dos excêntricos, dos construtores e dos visionários na tentativa de revelar, através de um paralelismo com as propriedades quase mágicas do número de ouro, artistas cuja obra procurasse a perfeição das mais sublimes realizações arquitectónicas. Na categorização e na escolha de obras e tipologias arquitectónicas, tentou-se mostrar a inteligível diversidade de desenhos, ora monólogos, ora contemplanções, ora raciocínios solitários, com o objectivo de tornar mais fluida a compreensão da relação entre componentes naturais e entrópicas, cânone de beleza, variedade, organização. Projectos ideais, arquitecturas em papel, obras que descrevem imagens mentais e delírios que se relacionam com o desejo de alcançar mundos idealizados e perfeitos, a casa ou a cidade sonhada para poder recriar um espaço ou uma forma onde se sentirem realmente acolhidos. Na exposição o visionário é uma idealização; o impraticável uma utópica perfeição, uma imagem mental dissociada da natureza física do mundo real, a ocasião de reconstrução do mundo como cada artista pensa que deveria ser ou em todo o caso, um convite a descobrir e construir uma narrativa própria. Cada obra apresentada é, ao mesmo tempo, síntese de construção formal e intelectual, expressão de relações entre as formas, equilíbrio entre as cores, aprimoramento e perfeição. É nessa linha que o número de ouro acompanha e desafia a construção de projectos, de protótipos ligeiros capazes de se adaptarem ao nomadismo ou alimentar a fantasia de uma casa voadora ou sobre rodas, a união de imaginação e funcionalidade, o essencial e o aleatório. Surgem, desta maneira, invenções brilhantes e desequilibradas, desafios perceptivos, uma ideia traçada no espaço feita de relações físicas entre arquitectura e natureza, o céu e a terra. E ainda um sem-fim de relações hierárquicas entre o divino e a sociedade, com enigmas por solucionar dentro de estruturas espaciais claustrofóbicas, uma visão que aglomera o mundo inteiro e sobrevive puramente como visão artística.

Antonia Gaeta